

PRÁTICAS FORMATIVAS E PROTAGONISMO
ESTUDANTIL: A EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO DE
ESTUDANTES A PARTIR DE AÇÕES DE FORMAÇÃO E
CUIDADO DURANTE A PANDEMIA POR COVID-19

EDUCATIONAL PRACTICES AND STUDENT PROTAGONISM: UNIVERSITY STUDENTS' EXPERIENCE
OF LEARNING AND SOCIAL SUPPORT AMONG PEERS DURING THE COVID-19 PANDEMIC

Raiane Silva Sousa¹

Anik Giovanna Barham Setti²

Giovanna Romano Bombonatti³

Jéssica Fabiana da Silva Ramos⁴

Maycon Leandro⁵

Mariana Casarotto⁶

Abraão Golfet⁷

Larissa Campagna Martini⁸

RESUMO: A pandemia por COVID-19 impôs restrições às atividades universitárias no Brasil e no mundo. Na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), uma das soluções a esse contexto foi o fomento de atividades de extensão, como é o caso do programa Saúde Mental em Ação. Os estudantes de graduação e pós-graduação deste programa realizavam encontros quinzenais com vistas ao acolhimento (apoio entre pares para enfrentamento da pandemia) e formação entre pares (discussões interdisciplinares). O objetivo deste relato é compartilhar nossa experiência dessas reuniões enquanto observantes participantes, tendo como enfoque a inserção e o protagonismo dos estudantes como aspectos importantes da formação que foram encontrados na atividade de extensão, apesar da pandemia. O percurso metodológico inclui a observação participante e o relato da estrutura do grupo. Os resultados foram categorizados em acolhimento, formação e protagonismo estudantil. A escolha das categorias foi feita a partir dos marcos comuns da experiência aos estudantes-autores deste artigo. O programa Saúde Mental em Ação proporcionou um novo modelo de ser-estar na Universidade durante a suspensão das aulas presenciais, auxiliou na formação de novos vínculos entre professores e estudantes, possibilitou experiências interprofissionais e de ensino, além de ser um espaço gerido de forma horizontal e participativa.

Palavras-chave: Saúde Mental; COVID-19; Extensão Universitária; Aprendizagem entre Pares; Protagonismo Estudantil.

1 Graduada em Psicologia (UFSCar). E-mail: psi.raiane@gmail.com.

2 Graduada em Psicologia (UFSCar). E-mail: anik.setti@estudante.ufscar.br.

3 Graduada em Psicologia (UFSCar). E-mail: gibombonattii@gmail.com.

4 Graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação (UFSCar). E-mail: jessicafabiana.ramos@gmail.com.

5 Pós-Graduando em Ciência Política (UFSCar). E-mail: mayconleandro819@gmail.com.

6 Graduada em Psicologia (UFSCar). E-mail: marianacasarotto@gmail.com.

7 Bacharel em Medicina (UFSCar). E-mail: abraaogolfet@hotmail.com.

8 Docente do Departamento de Medicina (UFSCar). E-mail: larissacmb@ufscar.br.

ABSTRACT: The COVID-19 pandemic restricted many universities' activities in Brazil and worldwide. At the Federal University of São Carlos, one of the solutions to restricted activities was to focus on online community outreach, such as the *Saúde Mental em Ação* (Mental Health in Action) initiative. The graduate and undergraduate students of this initiative met twice a month for student-lead meetings during which they engaged in interdisciplinary discussions and sought to support each other as they adapted to changes caused by the pandemic. This report describes our experience as participant observers of these student meetings, focusing on students' participation and protagonism. These are understood to be important aspects of higher education and can be developed, despite the pandemic, through engagement in community outreach. The results of this experience are discussed according to three categories, which we arrived at by comparing and combining what the students' experience of the meetings had in common: support among peers, educational opportunities and student protagonism. The *Saúde Mental em Ação* initiative, with its horizontal, participative management, was an opportunity for students to practice teaching skills and interprofessional skills, for developing new relationships between students and professors, and for re-imagining the University experience while in-person classes were suspended.

Keywords: Mental Health; COVID-19; Community Outreach; Peer-Learning; Student Protagonism.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi atípico. A pandemia da COVID-19 impactou drasticamente a organização da vida e evidenciou intensamente tanto nossas fragilidades quanto potencialidades. A necessidade de seguir medidas de restrição de contato para conter a proliferação do vírus nos exigiu muita criatividade para mantermos nossas atividades e interações. Neste sentido, a promoção de intervenções que favoreçam os mecanismos de resiliência, otimismo, criatividade, esperança, empatia e apoio social contribuem muito para o bem-estar subjetivo e está associado a menores riscos de desenvolvimento de sofrimento mental (ZANON et al., 2020).

As atividades da Universidade Federal de São Carlos foram suspensas no dia 14 de março de 2020. Essa decisão foi prorrogada por período indeterminado (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2020a, 2020b). Neste contexto, um grupo de professores, técnicos administrativos e estudantes iniciou uma mobilização para a realização de atividades voltadas à comunicação social, com o objetivo de produzir informações confiáveis para o enfrentamento da pandemia. Este grupo originou o InformaSUS – UFSCar (OLIVEIRA et al., 2020), que conta com diversos grupos temáticos, incluindo a saúde mental.

Em parceria com tal projeto, foi criado o programa de extensão “Saúde Mental em Ação e a Pandemia COVID-19”, com o objetivo de elaborar um conjunto de ações interprofissionais voltadas ao enfrentamento da crise imposta pelo novo coronavírus e seus efeitos psicossociais (SILVA et al., 2020). Foram vinculadas a este programa diversas atividades de extensão e pesquisa, contemplando diferentes populações: infância e adolescência, idosos, trabalhadores e usuários dos serviços de saúde e assistência social e comunidade universitária, bem como ações vinculadas ao movimento da luta antimanicomial e produções culturais, como o Festival Cultivar-TE.

Este artigo pretende relatar a experiência vivenciada pelos estudantes vinculados ao programa que protagonizaram ações de formação e cuidado em saúde mental no contexto da pandemia da COVID-19 por meio do “grupo dos estudantes”.

O grupo foi proposto a partir da percepção da necessidade de proporcionarmos espaços de acolhimento para os estudantes, considerando o contexto de incertezas e mudanças. O distanciamento social e as mudanças de rotina implicam diretamente na saúde mental dos estudantes. De acordo com Maia e Dias (2020), experiências relacionadas ao estresse, depressão e ansiedade em estudantes universitários portugueses foi maior durante a pandemia. Para chegar a essa conclusão, os pesquisadores compararam as informações de antes e depois da pandemia. Este resultado foi similar a outros estudos realizados no mundo (MAIA; DIAS, 2020).

Diante de um cenário de consequências à saúde mental, evidencia-se a importância de promover aos estudantes espaços de acolhimento e diálogo para o enfrentamento das dificuldades geradas pela suspensão das atividades acadêmicas. Assim, essas “reuniões de estudantes” tiveram como objetivos promover ações de formação e de cuidado em saúde mental, por meio de atividades autogeridas e de participação livre.

Geralmente as atividades de extensão são organizadas de forma diferente das atividades “de sala de aula” e por isso oferecem oportunidades educacionais diferentes daquelas proporcionadas nas disciplinas curriculares. Destacam-se dois elementos característicos da extensão que diferem da organização curricular: o maior protagonismo estudantil e a presença de estudantes de diferentes cursos na mesma atividade. Isto permite mais facilmente o desenvolvimento de duas estratégias educativas que têm recebido atenção recentemente: o uso de metodologias ativas de ensino e aprendizagem e a educação interprofissional. Estas duas estratégias de ensino foram colocadas em prática intensamente no “grupo de estudantes”. O objetivo deste relato é compartilhar a experiência desse grupo, como parte de um programa de extensão, tendo como enfoques a inserção e o protagonismo dos estudantes como uma ação formativa diante do contexto adverso no qual estamos inseridos.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este artigo visa apresentar um relato de experiência a partir de práticas formativas e protagonismo dos estudantes que participaram de um grupo de formação e cuidado em saúde mental, vinculado ao Programa de Extensão Saúde Mental em Ação – UFSCar: o “grupo dos estudantes”. Para relatar essa experiência, será empregada a abordagem qualitativa e empírica e a observação participante, a partir de diálogos envolvendo os campos das ciências humanas, da saúde e ciências da informação, considerando suas interseccionalidades com Saúde Mental.

A escolha pelo relato de experiência possibilita o compartilhamento da pluralidade que envolve realidade cotidiana. Os processos vivenciados no grupo foram singulares e não poderiam ter sido “pré-ditos” ou “pré-vistos” (BONDÍA, 2002). A origem dessa experiência foi a necessidade do encontro e a falta de identificação com o isolamento afetivo que o distanciamento social impôs nas sociedades contemporâneas. No programa de extensão Saúde Mental em Ação, a forte presença de estudantes de graduação e pós-graduação era notável durante as reuniões gerais. Com isso, foi natural o movimento de iniciar atividades de/para estudantes,

com duas características: a formação e o acolhimento. A própria experiência levou o grupo a tomar contorno e chegar em um modo de funcionamento. Ao longo do processo, os atores, a partir de suas experiências e de processos de (des)subjetivação, puderam criar estratégias micropolíticas que movimentam as relações e foram marcadas pelo protagonismo, formação multiprofissional e diversas formas de acolhimento estudantil.

O “grupo dos estudantes” se inseriu em um campo de estudos que valoriza o encontro com o outro, sendo que esses atores sociais envolvidos são produtores legítimos de sabedorias práticas. Almejamos com esses encontros utilizar a escuta como instrumento de produção de cuidado e acolhimento, como uma estratégia de ação contra hegemônica, ou seja, tais atividades propuseram questionar as hierarquizações da universidade, que muitas vezes distancia o diálogo entre docentes e estudantes. Assim, procuramos valorizar o protagonismo dos estudantes, através das experiências vividas, que são fundamentais para entendermos a construção da formação acadêmica. Interessa-nos, portanto, que todo membro da universidade demanda um suporte humanizado, sensível, respeitoso, presente e acessível. Os encontros remotos possibilitaram um cuidado humanizado próximo quando necessário e respeitosamente distante quando desejado, sempre pautados ao cuidado de si, na constituição do indivíduo enquanto sujeito, considerando suas práticas, saberes objetivos e subjetivos e, construção de suas identidades (FOUCAULT, 2010).

Dito isso, faz-se necessário ressaltar alguns aspectos da abordagem teórico-metodológico relativos à observação participante. O objetivo da observação como ferramenta de pesquisa qualitativa, visa a construção dos conhecimentos a partir das transformações sociais, culturais e políticas no percurso da vida, conjuntamente com os indivíduos inseridos dentro de uma comunidade e, determinados por um tempo e espaço. Observar é aplicar os sentidos e signos a fim de obter estudos sobre algum aspecto da realidade (RUDIO, 1986). Observar também visa aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir uma reflexão mais clara (BARROS; LEHFELD, 1994). Sendo assim, a observação torna-se uma técnica científica a partir do momento em que passa por levantamento bibliográfico, construção dos diários de campo e organização dos dados. Para melhor precisar o argumento, o caráter da observação participante é:

[...] um método qualitativo de pesquisa que visa à descrição e o entendimento abrangente de fenômenos culturais presentes em grupos, comunidades ou instituições específicas de acordo com as próprias ações daqueles que os vivenciam na sua realidade diária (SOUZA, 2014, p. 308).

Seu objetivo é, portanto, na perspectiva dos atores sociais e, para tanto, deve combinar um detalhado trabalho de campo, um processo cuidadoso de descrição densa da experiência e um processo de interpretação resultando em pesquisa na qual os dados obtidos mediam a relação entre as teorias e o campo (GUBER, 2001). Ou seja, trata-se de uma atividade na qual vai sendo construído o saber teórico conjuntamente com a prática. Assim, não é somente um método de pesquisa, mas um processo conduzido com uma sensibilidade reflexiva, tomando em conta a própria experiência e desafios do campo junto aos sujeitos com os quais o pesquisador trabalha.

Por fim, ressalta-se que a construção do relato de experiência deu-se pela interseccionalidade dos campos disciplinares. Nessa perspectiva, a noção de “interdisciplinaridade” implica um diálogo das áreas de humanas e biológicas e com os saberes disciplinares da saúde mental, cuja condição de possibilidade está em manter definidas as diferenças disciplinares, mostrando o lugar de onde se fala e as fronteiras que separam e aproximam os campos disciplinares. Para isso, o primeiro caminho em direção ao diálogo é o da separação, para que o passo seguinte leve uma direção possível, se o for, entre um e outro (SARTI, 2003, p.78). Sendo assim, não se trata de analisar a interdisciplinaridade a partir da possibilidade só das divergências, mas, ao contrário, o encontro possível supõe a separação a priori, implícita no reconhecimento do campo disciplinares, a partir das identificações e só assim, dando lugar a construção de convergências teóricas e práticas.

Os encontros do “grupo dos estudantes” aconteceram quinzenalmente, entre os meses de agosto a dezembro de 2020, pela plataforma *Google Meet*, com a duração aproximada de uma a duas horas. A média de participação dos docentes e estudantes nas reuniões variou em torno de cinco a doze pessoas, com uma participação mais expressiva dos estudantes da graduação. Inicialmente a proposta era realizar encontros de formação com os estudantes envolvidos no programa. No entanto, a partir das primeiras experiências foi identificada a necessidade de ampliarmos as ações, incluindo atividades de cuidado. Os encontros de formação tinham como objetivo apresentar e discutir diferentes temas sobre saúde mental e a pandemia por COVID-19 a partir da ótica interdisciplinar, visto que os participantes dessas reuniões eram de diferentes cursos. Os encontros de cuidado envolveram intervenções artístico-culturais e rodas para incentivar as trocas e o acolhimento. Foram realizados 15 encontros. A divulgação dos encontros foi feita nas mídias sociais do Programa Saúde Mental em Ação e dos demais projetos parceiros, como o InformaSUS e a Liga Acadêmica de Saúde Mental da UFSCar. Exemplos de temas desenvolvidos nessa modalidade foram: cuidados paliativos, o movimento da luta antimanicomial e prevenção do suicídio. Já os encontros de acolhimento objetivavam o cuidado dos estudantes consigo mesmos e com o grupo. Foram realizadas duas oficinas, uma de fotografias e outra de poesia, além de orientações quanto aos cuidados com a postura para o uso do computador e estratégias para otimizar a organização para os estudos diante da nova rotina e formato das atividades. Foram realizadas também rodas abertas para compartilhamento de angústias e situações difíceis. Os formatos desses encontros eram mais livres: por vezes envolvia um disparador audiovisual, outras caminharam mais com uma apresentação inicial de determinado tema que visava a discussão, por exemplo. Não era exigido aos estudantes que fizessem inscrição previamente, as “portas” sempre ficaram abertas para qualquer pessoa interessada.

Os estudantes também eram livres para participarem de quantas reuniões desejassem, ou seja, não havia obrigatoriedade nessa participação. É interessante pontuar que talvez justamente por essa questão da não-obrigatoriedade da presença que o grupo tenha se consolidado, pois os estudantes sentiam-se genuinamente acolhidos e à vontade nesse tipo de espaço criado virtualmente. Estavam ali porque queriam, não porque deviam estar. Esse formato foi proposto para evitar mais uma pressão externa aos estudantes, considerando o contexto em que o grupo ocorreu, de pandemia e incertezas.

Por se tratar de um grupo multidisciplinar e uma estratégia interprofissional, que envolve estudantes de graduação e pós-graduação, a contribuição de diversos núcleos de saberes ao campo da saúde mental expandiu os diálogos realizados. A experiência contribuiu pedagogicamente com a formação dos estudantes, sob a compreensão de que a construção coletiva do conhecimento potencializa a formação e a atuação crítica. É possível compreender também que a experiência permitiu movimentos de “se-educar”, onde os estudantes podiam interagir - perguntar e responder - de maneira dialética, horizontal, empática e respeitosa. A participação no grupo despertou o desejo de alguns estudantes de compartilhar a experiência vivida, como uma forma de incentivar ações parecidas.

Para produzir este relato, foi realizado um encontro entre os autores envolvidos neste artigo, com aproximadamente duas horas de duração, para discutir as observações e impressões pessoais. A partir da observação do grupo, os marcos comuns da experiência dos estudantes-autores e à luz da literatura que embasa esse artigo, foram destacadas as seguintes categorias para aprofundamento da análise: (1) formação; (2) protagonismo estudantil e (3) acolhimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para discutir a experiência do “grupo dos estudantes”, as temáticas emergentes serão exploradas individualmente. Para enriquecer a discussão, serão incorporados elementos que foram essenciais para a organização do grupo, bem como a perspectiva dos participantes.

Formação

O projeto “Saúde Mental em Ação” e o “grupo de estudantes” permitiram aos estudantes continuarem a sua formação em vários níveis, apesar da pandemia e da pausa nas disciplinas curriculares. O primeiro nível de aprendizagem é intrínseco à experiência extensionista.

A busca dos estudantes por experiências formativas além das habituais, nas quais possam ocupar espaços que potencializam sua reflexão crítica têm desafiado as universidades em termos de suas políticas pedagógicas (KLAFKE; ARAÚJO; CARDOSO, 2013). Para muitas, a resposta tem sido encontrada por meio do oferecimento de extensões. Surgida há mais de dois séculos na Inglaterra (RODRIGUES et al., 2013), a extensão tem se mostrado fundamental à formação de estudantes universitários, pois permite que, além dos conhecimentos profissionais e técnicos sedimentados, o estudante aprenda a conhecer, a fazer, a conviver e a ser (COELHO, 2014), ou seja, passa a ser protagonista de um processo que envolve trocas e produções coletivas.

Ao praticar o que aprende “na sala de aula” no contexto comunitário, o estudante complementa seu estudo a partir da leitura que faz do mundo (GOULART, 2004). Além da competência técnica, a extensão desenvolve o compromisso social do estudante e a habilidade para promover mudança social e melhora na qualidade de vida da comunidade (RODRIGUES et al. 2013). A partir das ações de extensão universitária, o “ensino rompe as barreiras da sala de aula e sai do ambiente fechado da Universidade, para que haja a troca de informações provenientes do ambiente primordial. Assim, o conteúdo passa a ser multi, inter e transdisciplinar.” (RODRIGUES et al., 2013, p. 143).

Mesmo que não pudessem continuar a expandir seu repertório por meio de disciplinas, os estudantes do “Saúde Mental em Ação” puderam praticar e aprofundar suas habilidades já adquiridas. Este nível de aprendizado esperado de qualquer extensão foi potencializado pelo “grupo de estudantes”. Com base nas demandas percebidas na comunidade, o grupo selecionava coletivamente alguns temas para buscar maior embasamento teórico (ex: história do movimento da luta antimanicomial, cuidados paliativos, etc.). Uma dupla se responsabilizava por pesquisar cada assunto e então planejar e conduzir atividades para socializar seu conhecimento com os colegas, em uma experiência breve de “docência”. Entendemos que é essencial que futuros profissionais da saúde desenvolvam a habilidade de ensinar, pois esta será posta em prática continuamente durante o trabalho em equipe nas unidades de saúde e nas ações de Educação em Saúde feitas com a população.

Foi uma oportunidade para os estudantes desenvolverem habilidades como: traçar objetivos de ensino, selecionar informações confiáveis e relevantes à demanda do coletivo e garantir que estas fossem adequadas ao nível prévio de conhecimento do grupo e planejar atividades que transmitissem esse conhecimento de forma interativa e engajadora. Algumas duplas mencionaram a necessidade de engajar sua metacognição para terem sucesso nas suas atividades (ZAMPIERI, 2012). Entre as estratégias usadas estiveram recursos audiovisuais, discussão em roda e a participação de especialistas. A partir da proposta dialética dessas atividades formativas, lideradas pelos estudantes, as discussões entre os estudantes e professores ajudaram a ampliar conceitos para além da questão teórico-prática, influenciando, inclusive, no ser estudante-profissional-social e político que cada um é, com sua subjetividade.

A própria composição do grupo, que contava com estudantes por graduandos das áreas de Psicologia, Terapia Ocupacional, Medicina e Biblioteconomia/Ciência da Informação e pós-graduandos dos programas de Psicologia, Terapia Ocupacional, Gestão da Clínica e Políticas, permitiu outro nível de aprendizagem: o da formação interprofissional. A Educação Interprofissional (EIP) é um pilar da formação em Saúde cada vez mais valorizada. A EIP não tem uma definição unificada, e ainda uma prática em construção. Reeves (2016, p. 186) a define como “duas ou mais profissões que aprendem com, de e sobre cada uma delas para melhorar a colaboração e qualidade da assistência”.

O que se destaca sempre é que toda iniciativa de EIP parte de uma necessidade ou motivação prática (REEVES, 2016; BARR e LOW, 2013). Os profissionais de um campo de atuação percebem a necessidade de aprofundar seus conhecimentos, habilidades e valores que permitem o trabalho em equipe (CIHC, 2010) pois o cuidado dos usuários do serviço atingiu um limite, e para superá-lo será necessário um trabalho interprofissional (REEVES, 2016; BURING *et al.*, 2009). Nesse processo, as comunidades e usuários atendidos são atores do processo de EIP tanto quanto os profissionais (IPEC, 2011). Apesar do conceito e prática da educação interprofissional ter sido desenvolvida principalmente na área da saúde, espera-se que ela possa ser relevante em qualquer campo onde mais de uma profissão colaborem, seja educacional, empresarial, fabril, da saúde ou comunitária.

Neste sentido, é possível considerar que os encontros formativos da “reunião de estudantes” foi um espaço de EIP, por reunir estudantes de diversas formações e em etapas diferentes do ensino superior. A motivação para tal encontro de atores

foi eminentemente prática, ancorada pelas experiências de atendimento e apoio psicossocial que os estudantes tiveram em outras frentes do Programa Saúde Mental em Ação. Os temas escolhidos lidavam com temáticas que surgiam na prática e se mostravam desafiadoras, requerindo um treino e conhecimento mais profundo e compartilhado entre a equipe estudantil. Durante os encontros, cada estudante compartilhava seu ponto de vista a partir de sua área de estudo, ampliando as possibilidades de aprendizagem naquele assunto. A visão de todos se complexificou, e foi possível vislumbrar oportunidades para ações conjuntas nas frentes de trabalho de cada estudante, evidenciando uma EIP plena no grupo.

Protagonismo estudantil

De acordo com Stamato (2010), a extensão é um espaço onde o protagonismo estudantil se desenvolve por meio da participação ativa do universitário:

Ancorada em metodologias político-pedagógicas dialógicas, democráticas e participativas, e na concepção de jovem como sujeito ativo do processo ensino aprendizagem e este como potencializador do desenvolvimento, a extensão comunitária resgata a dimensão social da educação e se consolida como práxis social, permitindo ao jovem refletir sobre o mundo, compreender o mundo, significar o mundo, projetar o mundo e transformar o mundo, transformando, ao mesmo tempo, a si mesmo (STAMATO, 2010, p. 2).

O protagonismo estudantil vivido na “reunião de estudantes” potencializou experiências voltadas à autonomia, organização e oratória. Dentro desse processo, cada estudante deveria pesquisar, estudar e selecionar os materiais para as reuniões, além de ser o mediador do encontro. Mesmo para aqueles que não participaram efetivamente da coordenação da reunião, foi possível contribuir a partir de trocas de ideias, pensamentos e relato de vivências.

Pontua-se também como o grupo contribuiu para o sentimento de um novo “estar na Universidade”. Por conta do cenário pandêmico, muitas atividades de extensão que antes eram realizadas presencialmente foram suspensas, assim como as aulas. Protagonizar uma ação vinculada a uma nova atividade de extensão, que engloba diferentes departamentos e cursos, a partir de uma plataforma virtual, contribuiu para que os estudantes permanecessem vinculados aos contextos de prática, trocas e conhecimentos. Isso minimizou o impacto do distanciamento social, além de possibilitar novas experiências que de maneira contrária não se dariam.

Um dos resultados do entrosamento e engajamento do grupo foi a elaboração do trabalho intitulado “Relato de experiência: Saúde Mental e o grupo formativo de estudantes da UFSCar”, resumo expandido apresentado no IX Congresso Virtual de Gestão, Educação e Promoção da Saúde, que buscou descrever como se deu a estruturação do grupo e como foi o trabalho durante o primeiro semestre de 2020. O trecho abaixo apresenta a relevância dos encontros para o desenvolvimento dos estudantes:

Iniciar e participar de um grupo interdisciplinar tão potente, com encontros virtuais quinzenais, em contexto de pandemia e distanciamento social foi uma experiência inédita aos envolvidos. O momento de estar em grupo era mais do que um espaço de formação profissional, mas também de formação pessoal, troca de afetos e de contato (CASAROTTO et al., 2020, p. 5).

Sendo assim, o protagonismo não é algo inerente aos estudantes, mas resulta das práticas de ensino e do que o estudante aprendeu com isso, de forma que aquilo que é vivido por ele ajuda na construção de sua compreensão do mundo (STAMATO, 2010).

Vale ressaltar que as “reuniões de estudantes” foram marcadas por práticas educacionais “ativas” que fortaleceram a autonomia dos estudantes que as integravam. O conceito de metodologia ativa corresponde mais a um princípio pedagógico que se expressa em diversas práticas do que a uma definição precisa e rígida (PRINCE, 2004). No geral, autores da área concordam que os métodos ativos são marcados pela participação “ativa” (vs. passiva) dos estudantes. Isto frequentemente denota a participação em atividades práticas, desenvolvimento de pensamento crítico (análise, síntese, avaliação, proposição), exploração do estudante de seus valores e atitudes pessoais e desenvolvimento de habilidades (vs. acúmulo de conhecimento). Os estudantes devem ser envolvidos em todos os processos de tomada de decisões (MENEZES; DELAGE, 2019; BONWELL; EISON, 1991). Levando em conta o movimento dos estudantes que participaram do grupo desde a organização dos encontros, divulgação e seleção dos temas a serem trabalhados, podemos considerar que o uso de métodos ativos foi potente e veio absorvida naturalmente pelo grupo durante sua busca de soluções aos desafios da atuação na área da Saúde Mental. Como coloca Stamato (2010), “o exercício do protagonismo abre aos estudantes novas possibilidades de interação, fortalecendo sua capacidade de buscar soluções para as dificuldades e tomar decisões sobre sua atuação na comunidade, gerando mudanças significativas em seu modo de ser e se colocar no mundo” (STAMATO, 2010, p. 4).

Acolhimento

Quando se fala de promoção e prevenção em saúde, é importante buscar um acolhimento que tenha como objetivo a humanização do contato e acesso a todas as pessoas (SOLLA, 2005). Para Solla (2005), o acolhimento “diz respeito, ainda, à escuta de problemas de saúde do usuário, de forma qualificada, dando-lhe sempre uma resposta positiva e responsabilizando-se pela resolução do seu problema”. Esse conceito é apresentado na Política Nacional de Humanização (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013) como parte das práticas humanizadoras de cuidado. Entendemos que ele se fez presente no contexto deste trabalho, ainda que educacional, como uma via possível de observar o estudante em sua integralidade. Acolher o grupo em grupo, como se fez, foi ponto-chave para o sucesso da experiência.

Durante os encontros *on-line*, foi possível observar a formação do vínculo entre os estudantes e professores presentes, principalmente com a coordenadora do projeto, que esteve na maioria das reuniões, contribuindo com seus saberes de modo horizontal. A existência de um espaço fixo de trocas de conhecimentos e afetos possibilitou o fortalecimento das relações entre pessoas que só se conhecem virtualmente, mesmo fazendo parte da mesma universidade.

Com relação aos encontros de cuidado, alguns foram mediados pelos estudantes, enquanto outros contaram com a participação de professores e estudantes e ex-alunos convidados. Em todos os casos, foram os próprios estudantes que se disponibilizaram a combinar as pessoas externas e organizar os encontros coletivamente.

Como exemplo da integração entre acolhimento, formação e protagonismo estudantil, e para efeitos didáticos deste artigo, compartilhamos um dos encontros de acolhimento. Com o intuito de proporcionar um ambiente favorável para troca de experiências durante o período da pandemia, duas estudantes do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação realizaram uma exposição de fotografias em modo virtual, intitulada “Olhares do Cotidiano: Quarentena”. Nessa vivência, os estudantes participantes do grupo puderam compartilhar fotografias de suas rotinas durante a quarentena. Através de múltiplos olhares, cada fotografia trouxe consigo inúmeros significados e sentimentos, que foram externalizados por cada um dos participantes e resultaram em um encontro muito agradável e acolhedor. Esta atividade, além de ter representado uma iniciativa de acolhimento para os estudantes, também refletiu aspectos importantes sobre formação e protagonismo estudantil, uma vez que permitiu com que as alunas que a idealizaram desenvolvessem competências relacionadas à planejamento e execução de projetos e habilidades de mediação de encontros virtuais, tão recorrentes nos últimos tempos.

Tais vínculos formados nesses encontros foram potentes, pois possibilitaram trocas de formas de enfrentamentos do distanciamento, trocas de experiências e sentimentos relacionados ao momento pandêmico. Além disso, o respeito entre todos os presentes nos encontros era predominante: cada membro falava somente se quisesse e o quanto quisesse, havendo possibilidade também para o silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do “grupo de estudantes”, vinculado ao programa Saúde Mental em Ação foi inovadora, e por isso desafiadora. Muitos estudantes vivenciaram pela primeira vez a experiência de planejar e liderar atividades de forma autônoma. Mesmo nos momentos permeados por temáticas delicadas ou relatos de situações difíceis, foi possível acolher e buscar estratégias de enfrentamento de forma coletiva. Desta forma, professores e estudantes aprenderam a gerir-se em grupo e acolher-se e aos outros nas suas dificuldades. Mas os desafios ampliaram as perspectivas e, a partir da contribuição dos envolvidos, efetivou-se uma ação extensionista dedicada ao acolhimento e à formação de estudantes.

É esperado que esse trabalho siga contribuindo para a formação dos estudantes e fortalecendo ações interdisciplinares na universidade. De igual modo, esperamos que esse artigo possa contribuir com futuras experiências. Por fim, a experiência é o que se dá entre o conhecimento e a vida humana, mas para que se saiba sobre a experiência, é preciso elaboração (BONDÍA, 2002). Tanto o acontecimento do próprio grupo, em ato, quanto a escrita desse trabalho proporcionaram a elaboração do que se passou.

REFERÊNCIAS

- BARR H.; LOW, H. *Introdução à Educação Interprofissional*. Tradução de José Rodrigues Freire Filho. Farnham, Inglaterra: CAIPE, 2013. Disponível em: <https://www.educacioninterprofesional.org/pt/introducao-educacao-interprofissional>. Acesso em: 28 jan. 2021.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. S. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 28 jan. 2021.

BONWELL, C. C.; EISON, J. A. *Active Learning: Creating Excitement In the Classroom*. ASHE-ERIC Higher Education Report No. 1. Washington, United States: George Washington University, School of Education and Human Development, 1991. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED336049.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021.

BURING, S. M. et al. Interprofessional Education: Definitions, Student Competencies, and Guidelines for Implementation. *American Journal of Pharmaceutical Education*, Arlington, United States, v. 73, n. 4, 2009. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2720355/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

CANADIAN INTERPROFESSIONAL HEALTH COLLABORATIVE (CIHC). *A National Interprofessional Competency Framework*. Vancouver, Canada: Canadian Interprofessional Health Collaborative, 2010. Disponível em: <http://ipcontherun.ca/wp-content/uploads/2014/06/National-Framework.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021.

CASAROTTO, M. et al. *Relato de experiência: Saúde Mental e o grupo formativo de estudantes da UFSCar*. In: Congresso Virtual de Gestão, Educação e Promoção da Saúde, 9., 2020, Brasília. Anais [...] Brasília: NESPRÓM, 2020. Disponível em: <https://www.convibra.org/congresso/painel/index.php?p=16&lg=1&c=152>. Acesso em: 28 jan. 2021.

COELHO, G. C. O papel pedagógico da extensão universitária. *Revista Em Extensão*, v. 13, n. 2, p. 11-24, 2014. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/view/26682>. Acesso em: 28 jan. 2021.

GOULART, A. T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. *HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 2, n. 4, p. 60-73, 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/580>. Acesso em: 28 jan. 2021.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

GUBER, R. *La etnografía, método, campo y reflexividad*. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001.

INTERPROFESSIONAL EDUCATION COLLABORATIVE EXPERT PANEL (IPEC). *Core competencies for interprofessional collaborative practice: report of an expert panel*. Washington, United States: Interprofessional Education Collaborative, 2011. Disponível em: https://www.aacom.org/docs/default-source/insideome/ccrpt05-10-11.pdf?sfvrsn=77937f97_2. Acesso em: 28 jan. 2021.

KLAFKE, T. E.; ARAÚJO, B. R.; CARDOSO, C. G. Formação em saúde e protagonismo estudantil: grupo de estudos e trabalhos em saúde coletiva. *Psicologia Ensino & Formação*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 3-19, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612013000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jan. 2021.

MAIA, B. R.; DIAS, P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MENEZES, A. B.; DELAGE, P. E. G. A. Processos educacionais pautados em metodologias ativas. In: BOLSONI-SILVA, A.T. et al. *Comportamento em Foco 9: análises teóricas, educação e questões sociais*. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2019, p. 172-189. Disponível em: <http://abpmc.org.br/arquivos/publicacoes/15731270280143c905.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Humanização. Brasília, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf. Acesso em: 26 mar. 2021.

OLIVEIRA, G. N. et al. Comunicação científica na web e redes sociais: a experiência do InformaSUS em tempos de pandemia. *Cadernos da Pedagogia*, v. 14, n. 29 (Edição Especial), p. 108-119, 2020. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1453/540>. Acesso em: 28 jan. 2021.

PRINCE, M. Does Active Learning Work? A review of research. *Journal of Engineering Education*, Washington, United States, v. 93, n. 3, p. 223-231, 2004.

REEVES, S. Porque precisamos de educação interprofissional para um cuidado efetivo e seguro. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 20, n. 56, p. 185-197, mar. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0092>. Acesso em: 28 jan. 2021.

RODRIGUES, A. L. L. et al. Contribuições da extensão universitária na sociedade. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE*, v. 1, n. 2, p. 141-148, 2013. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/494>. Acesso em: 28 jan. 2021.

RUDIO, F. V. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Vozes, 1986.

SARTI, C. A. O reconhecimento do outro: uma busca de diálogo entre Ciências Humanas e Ciências da Saúde. 2003. *Tese (Livre Docência)* – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em: https://www.pagu.unicamp.br/pf-pagu/public-files/arquivo/sarti_cyntia_andersen_termo_livredocencia.pdf. Acesso em: 28 jan. 2021.

SILVA, C. R. et al. Terapia Ocupacional na universidade pública e ações de enfrentamento à Covid-19: singularidades e/nas multiplicidades. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 351-370, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34463>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SOLLA, Jorge José Santos Pereira. Acolhimento no sistema municipal de saúde. *Rev. Bras. Saude Mater. Infant.*, Recife, v. 5, n. 4, p. 493-503, Dez. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292005000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Mar. 2021.

SOUZA, M. R. Uma questão de método: origens, limites e possibilidades da etnografia para a psicologia social. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 307-316, dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/89793>. Acesso em: 28 jan. 2021.

STAMATO, M. I. C. *Extensão Comunitária: O protagonismo do estudante universitário na formação interdisciplinar*. In: Congresso Internacional PBL 2010, 6., 2017, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <http://each.uspnet.usp.br/pbl2010/trabs/trabalhos/TC0514-1.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Gabinete da Reitoria. Portaria GR nº 4.370, de 14 de março de 2020. Suspensão de aulas e atividades curriculares a partir de 16/03/2020, e replanejamento de atividades administrativas, como medida de prevenção ao COVID-19. *Boletim de Serviço Eletrônico*. São Carlos, SP, 2020. Disponível em: https://sei.ufscar.br/sei/publicacoes/controlador_publicacoes.php?acao=publicacao_visualizar&id_documento=166923&id_orgao_publicacao=0. Acesso em: 03 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Gabinete da Reitoria. Portaria GR nº 4.380, de 24 de março de 2020. Prorroga suspensão de aulas, atividades curriculares e medidas de caráter temporário visando reduzir exposição pessoal e interações presenciais entre membros da comunidade UFSCar. *Boletim de Serviço Eletrônico*. São Carlos, SP, 2020. Disponível em: https://sei.ufscar.br/sei/publicacoes/controlador_publicacoes.php?acao=publicacao_visualizar&id_documento=171750&id_orgao_publicacao=0. Acesso em: 03 out. 2020.

ZAMPIERI, M. Investigação do monitoramento metacognitivo de crianças diante de medidas de capacidades intelectuais. 2012. 124 f. *Dissertação* (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/6027>. Acesso em: 28 jan. 2021.

ZANON, C. et al. COVID-19: implicações e aplicações da Psicologia Positiva em tempos de pandemia. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 37, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200072>. Acesso em: 28 jan. 2021.